

Choque, só em ditadura, diz

O ESTADO DE S. PAULO — 23

Simonsen

Para ele, o método ortodoxo de combate à inflação não dá certo nas democracias

PORTO ALEGRE — O ex-ministro Mário Henrique Simonsen disse ontem em Porto Alegre que o regime democrático impede o uso de métodos ortodoxos de combate à inflação elevada, principalmente quando a população está "incrédula" com as ações governamentais. "Se eu fosse um ditador, aplicaria amanhã no Brasil o plano de estabilização econômica adotado em Israel, com sucesso", afirmou. E acrescentou: "Minha preocupação é que a economia brasileira fique muito tempo no limo, pois qualquer plano de estabilização irá se deparar com a descrença da sociedade". Simonsen falou para uma platéia de 280 empresários na Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) sobre as dificuldades de controle da taxa inflacionária.

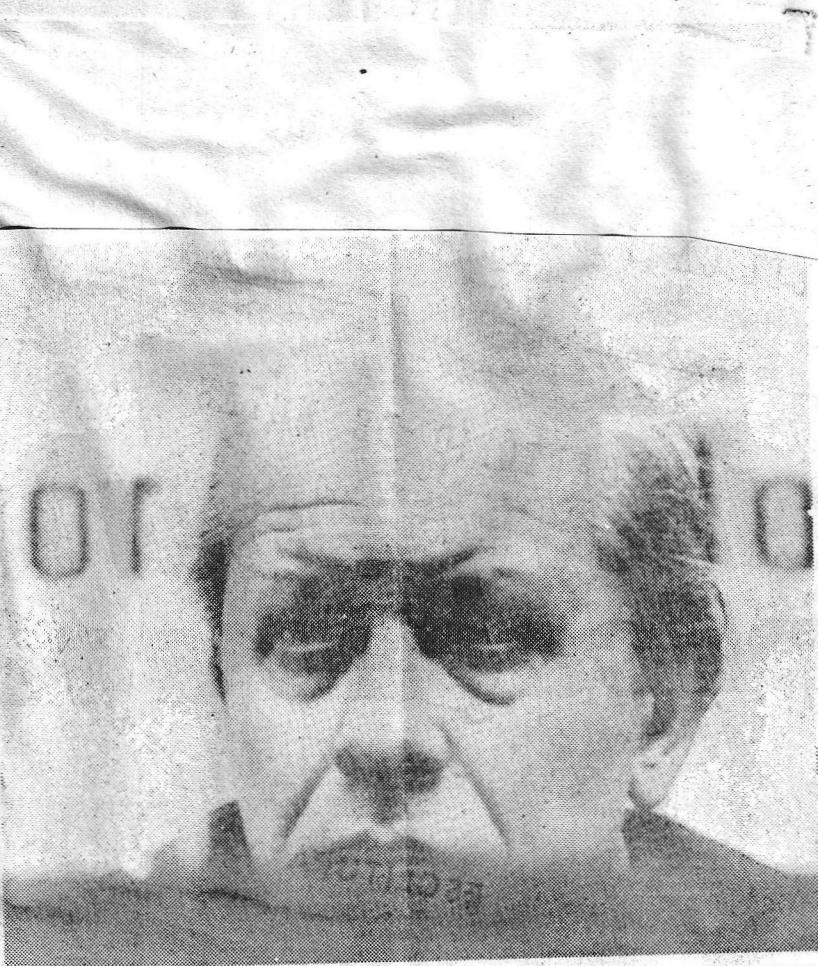
O ex-ministro esteve em Porto Alegre para participar de uma reunião do conselho de administração da Olvebra, como um dos

seus conselheiros. Simonsen pediu para falar num encontro com os industriais gaúchos na Fiergs, e a direção da entidade organizou um almoço especial para 280 convidados.

Bastante à vontade, ele afirmou que o Brasil não está diante de um abismo, e nem irá implodir. "O que estamos enfrentando são dificuldades de controle no déficit público. E não devemos ter esperanças em crescimento da economia com os atuais níveis de déficit público. Dentro deste quadro estamos distantes do crescimento de 7% ao ano, e mais próximos de avanços de 3% a 4%".

CONDIÇÕES POLÍTICAS

Para Simonsen somente um grande choque fiscal, combinado com a desindexação de salários e preços, colocaria a economia brasileira nos trilhos. "Sem a arma da política monetária, teríamos que ter muita coragem no combate ao déficit público e não vejo, no momento, condições políticas do governo para o efetivo confronto", observou. Segundo ele, no período da Nova República, as despesas de pessoal da máquina estatal tiveram um aumento real de 108%, e, desde 1982 até agora, o quadro agregou mais 520 mil funcionários.



Adalberto Diniz/AE 23/6/88

Simonsen: se ditador, aplicaria o plano de Israel